

A DIMENSÃO POLÍTICA NOS ENCONTROS ORDINÁRIOS DO COTIDIANO ESCOLAR¹

Leonardo Albuquerque²

RESUMO

Nesse artigo está sendo problematizado a dimensão política no cotidiano escolar pelas ações ordinárias dos praticantes que transitam diariamente pela escola, em como as singularidades dos sujeitos em suas narrativas os apresentam como sujeitos políticos. Temos nos encontros de sala de aula a expressão das multiplicidades de formas de agir questionando uma relação de objetificação ou assujeitamentos dos papéis pré-definidos de alunas e alunos. É o exercício das vivências ordinárias tendo o cuidado para não enfraquecer e/ou despolitizar as práticas cotidianas como não políticas, pois todo fazer é político, mesmo que não seja encarado como tal.

Palavras-chave: Encontros; Cotidiano escolar; Política.

INTRODUÇÃO

Partimos, eu professor de sociologia com meus alunos e alunas, por narrativas e exercitamos a criação para refletir sobre a dimensão política dos nossos *encontros* (GARCIA, 2015) vividos na sala de aula. Desse modo, para o entendimento da dimensão política, afirmamos que política é o que se pratica no cotidiano que nos move, são as práticas ordinárias, nossas ações ordinárias, as rotinas que apresentam nossas *singularidades* (HARDT; NEGRI, 2014), que modificam e são modificadas pelos encontros em que somos levados em nossas vidas. Trata-se de pensar a escola popular da periferia pela *sociologia das ausências*, com aqueles que criam cotidianamente essas escolas. Para Santos (2006):

A sociologia das ausências visa identificar o âmbito dessas subtração e dessa contracção de modo a que as experiências produzidas como ausentes sejam libertadas dessas relações de produção e, por essa via, se tornem presentes. Tornar-se presentes significa serem consideradas

¹ O trabalho é resultado do grupo de pesquisa Diálogos Escolas-Universidade: Processos Formativos, Currículos e Cotidianos.

² Mestre em Educação – UERJ (FFP/PPGEUD), Doutorando em Educação – UERJ (FFP/PPGEUD), Professor da Secretaria Estadual de Educação - SEEDUC RJ. Email: albuleo@yahoo.com.br.

alternativas às experiências hegemônicas, a sua credibilidade poder ser discutida e argumentada e as suas relações com as experiências hegemônicas poderem ser objecto de disputa política (p. 789).

O cotidiano vivido na escola e nas salas de aulas se configura como um espaço e tempo diferente, uma outra configuração de temporalidade e espacialidade propício para exercícios de percepções de cada praticante do cotidiano escolar. Penso nesse espaço e tempo como um espaço tempo presente singular e aberto como o *Kairòs*, “a modalidade do tempo através do qual o ser se abre, atraído pelo vazio que está no limite do tempo, e decide preencher este vazio” (NEGRI, 2003, p. 43-44).

Por isso, os praticantes no cotidiano da escola não podem ser vistos como objeto e nem como assujeitados e dedutíveis de uma teoria que os enquadrem em uma classificação pré-definida de alunas e alunos. A forma que ocupam e se relacionam deixam perceber como somos vazados por nossas dimensões políticas ao desinvisibilizarmos narrativas enquanto ações, criações, histórias, formas de surgir e se insurgir politicamente neste espaço tempo presente. Isto é, a vivência ordinária tendo o cuidado para não enfraquecer e/ou despolitizar essas práticas vividas no cotidiano.

O cotidiano da sala de aula/escola é um espaço tempo de criação de *presença* (GUMBRECHT, 2010) e de múltiplos desdobramentos semânticos nas relações entre os praticantes e nos processos de direcionamento de suas questões e contingências. Por isso, é importante da vida que é vivida mesmo sendo despercebida, a vida em suas ações desimportante. A dimensão política é o acontecimento que rompe a desatenção quando somos chamados a nos atentar sobre nossas ações diárias e sobre como estamos envolvidos numa determinada forma de organizar nossas vidas. Pensar a dimensão política enquanto praticante do cotidiano é se pensar, professor, aluna, aluno. Se perceber ética, estética e politicamente ao sermos afetados pelos incômodos e estímulos que nos atravessam e que acabam nos transformando continuamente, ou seja, nos põe em trânsito ao nos exigir atenção em nossas ações. Aqui no texto vamos percebendo a dimensão política por meio de narrativas escritas, mas na vida cotidiana a vivemos enquanto recriações, reatualizações, ações e acontecimentos cotidianos na escola.

A um tempo atrás participei de uma reunião no auditório do Centro Integrado De Educação Pública - CIEP em que trabalho em Duque de Caxias, cujo o tema da discussão girava em torno do movimento do grêmio estudantil contra a aplicação e obrigatoriedade em ter que fazer as provas do SAERJINHO, sistema de avaliação bimestral do processo de ensino e aprendizagem nas escolas da SEEDUC – RJ, Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. No momento em que acontecia o debate entre professores, direção e alunos – uns pró outros contra a aplicação do SAERJINHO - surge a fala de uma das representantes dos alunos contrária à aplicação da avaliação: “*Nós não temos preparo para fazer essa prova*”. Essa fala prendeu minha atenção ficando marcado em minha memória, o que me faz recordar ao trazer como narrativa nesse texto.

Uma outra narrativa traz questões estimulantes para percebermos como a dimensão política nos atravessa ao longo dos nossos encontros nas salas de aulas. Esse menino me parecia sempre relutante, ficava ouvindo música no fone de ouvido, conversava, ficava na internet, parecia que ficava me esperando para convencê-lo a começar a produzir suas narrativas. Conversávamos bastante até ele começar a escrever sobre suas ações cotidianas: *Quando eu acordo a primeira coisa que faço é pegar minha roupa, vou pro banheiro tomar meu banho e me arrumo, logo em seguida pego o tênis e ponho, pego minha mochila e saio, vou para o ponto pegar o ônibus, espero ele chegar, quando ele chega, entro, passo o riocard e sento esperando ele chegar no ponto perto da escola, desço do ônibus e vou para escola, chegando lá eu dou bom dia a rapaziada e espero o sinal tocar.*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessas duas narrativas, qual poderia ser percebida como uma narrativa que expressa uma dimensão política, um posicionamento direcionado com um fim político específico? As duas, porque é defender o “desimportante” como político, seus saberes como saberes que são operados para dar conta dos sentidos e vividos nos espaços tempos cotidianos tanto dentro como fora da escola. As narrativas manifestam a dimensão política

presente no cotidiano escolar na medida em que as experiências produzidas como ausentes, como desimportantes, tornar-se presentes ao serem levantadas como relevantes ao contribuírem para a compreensão mais ampla da realidade ao apresentar questões importantes para um debate político. As duas narrativas trazem para além do problema pontual da preparação para prova em si, a crítica sobre a importância de uma prova que não levava em consideração os saberes dos alunos. Saberes que não levam em consideração os movimentos operados no do dia-a-dia, as relações entre os sujeitos, os hábitos para se chegar à escola, ou seja, uma dimensão política anterior a qualquer debate sobre política, o se pôr em movimento e estar presente. Sendo assim, problematizar essas narrativas como dimensão política no cotidiano é levar em consideração as escolhas e decisões que transbordam pelos pensamentos como criações para dar conta de questões do momento, é o fazer acontecer. O que está em operação pelos praticantes é a tentativa de dar conta daquilo que é possível perceber como um movimento complexo para pôr em relação as coisas de seu mundo, de seus contextos vividos para responder as demandas que surgem.

Desse modo, lidar com essas narrativas é refletir sobre a importância dos encontros estimulados pelo cotidiano escolar como desinvisibilizador da dimensão política ao expressar suas multiplicidades de formas de agir. Pois são práticas recebidas e percebidas de modo horizontalizado, que respeitam os saberes dos praticantes do cotidiano numa ecologia de saberes (SANTOS, 2006) que transitam no espaço tempo presente da sala de aula/escola. O cotidiano da sala de aula/escola comporta nós professores e também os alunos e alunas, que vivem os embates político epistemológico dos currículos que transitam pelo cotidiano da escola, ciente ou não de suas práticas e objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que defendo como professor e pesquisador é que estamos produzindo narrativas a partir de contextos cotidianos e essas narrativas são políticas, exercitando suas formas de ser políticas porque todo fazer é político, mesmo que não seja encarado como tal. O

cotidiano escolar não pode ser classificado por meio da “asepsia” conceitual que decide o que é ou não uma ação política. Todos nós, existimos e agimos politicamente por meio de nossas dimensões políticas, mesmo quando invisibilizados na escola ou nas salas de aula através das grades curriculares, dos números nas chamadas dos diários de classe. Existimos porque é preciso existir, resistir, pois problematizar as desimportâncias, as ações desimportantes é um exercício de percepção pelos sentidos. É se permitir sentir, se afetado e afetar ao produzir narrativas tendo em mente a escola dos possíveis, a sala de aula possível, os praticantes do cotidiano escolar e os modos possíveis de vivermos nossas vidas.

REFERÊNCIAS

- GARCIA, Alexandra. **O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas.** In: 37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2015, Florianópolis. Anais da 37ª Reunião Científica da ANPEd.. Florianópolis: ANPEd/UFSC, 2015. v. 1.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- HARDT, Michel. NEGRI, Antônio. **Multidão.** Rio de Janeiro: Record, 2014.
- NEGRI, Antônio. **5 Lições Sobre o Império.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NEGRI, Antônio. **Kairòs, Alma Venus, Multidão: Nove lições ensinadas a mim mesmo.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** In: _____ (org.) Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2006.